

VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NO GUINEENSE: UM ESTUDO PRELIMINAR SOBRE EMPRÉSTIMOS MODERNOS DO PORTUGUÊS¹

Tito Djata²

RESUMO

Este trabalho aborda processos fonético-fonológicos e variação linguística no nível lexical do guineense falado atualmente em Bissau, capital de Guiné-Bissau, país localizado no oeste da África. Guiné-Bissau é caracterizado pelo multilinguismo e tem o guineense, língua crioula lexicada pelo português (Couto; Embaló, 2010), como língua franca. A partir do estudo de empréstimos lexicais do português, este trabalho busca responder como, em um contexto de intenso contato linguístico, os itens lexicais da língua portuguesa aparecem no guineense. O objetivo geral é descrever e analisar como o léxico do guineense tem se relacionado com o léxico da língua portuguesa no contexto de Bissau. Trata-se de um estudo preliminar, de caráter descritivo, que parte de levantamento e análise de material bibliográfico e análise de dados. O *corpus* foi constituído a partir de um conjunto de cinco entrevistas realizadas ao longo dos anos de 2020 e 2024 pela Rádio Jovem. Além disso, foram considerados dados retirados do dicionário do guineense (Scantamburlo, 2002). Os dados das entrevistas foram analisados em comparação com os dados do dicionário, observando os itens lexicais em que não aconteceram processos de acomodação de natureza lexical e fonético-fonológica, ou onde aconteceram de uma forma parcial ou total, conforme as características linguísticas do guineense. Foram observadas características fonético-fonológicas, lexicais e semânticas do guineense que diferenciam duas variedades da língua, a saber, tradicional e moderna. O estudo contribui para a compreensão da língua, ainda pouco descrita e estudada. De modo mais amplo, contribui para os estudos sobre línguas crioulas e línguas em contato.

Palavras-chave: língua guineense; língua portuguesa - Guiné-Bissau; linguagens e línguas - variação; lexicografia.

RUZUMU

Es tarbadju papiá di puresu fonetiku-funolojikus i variason linguistika na nivel lexikal di guineensi ku ta papiadu na Bissau, kapital di Guiné-Bissau, tera ku fika na Áfrika osidental. Guiné-Bissau ta karaterizadu suma multilinguismu i, i tene guineensi, língua kriol di basi lexical purtuguis (Couto; Embaló, 2010), suma lingua franku. Kunsando na studu di mprestimu di palabras di purtuguis, es tarbadju busca rispundi kuma, na un kontestu di mangas di kontatu linguistiku, ki palabras di língua purtuguis ta parsi na guineensi. Objetivu geral des tarbadju i diskriwi (mostra) e analiza kuma ku palabras di guineensi ta lida ku palabras di lingua purtuguis, na kontestu di Bissau. I na trata di studu nobo inda, ku karater diskritivu, ki ta bim di levantamentu i analizi di material ku skrividu, i analizi di datus. Mangas di palabras tiradu a partir di sinku entrevista ku fasidu au lungu di ano 2020 a 2024 pa Radiu Jovem. Alem di es, i konsideradu tambí datus ku tiradu di disionariu di Scantamburlo (2002). Datus di ntervistas i fasidu komparason ku datus di disionariu, nunde kina djubidu palabras ki ka akontesi puresu di akomodason di forma lexikal i funetiku-funolojika, o nunde ku i akontesi so metadi o tudu, di akordu ku karateristika linguistika di guineensi. I observadu karateristikas fonetiku-funolojikas, lexikal e semântikas di guineensi ku ta diferensia dus variedadi di lingua, suma tradisional ku modernu. Es studu na kontribui pa komprienson di lingua, ku ate gosi i ka studadu tchiu. Di manera mas garandi, i na djuda na utrus studus di linguas kriol i línguas di kontatu kuna bim fasidu studos.

Palabra-tchabi: Guinean language; Portuguese language – Guinea-Bissau; languages and linguistic varieties – variation; lexicography.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Lúcia Lima da Silva.

² Discente do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, a partir do estudo de empréstimos lexicais do português, trata de processos fonético-fonológicos e de variação linguística no nível lexical do guineense falado atualmente em Bissau, Guiné-Bissau.³

O guineense⁴ (Kriol/Crioulo) é falado em Guiné-Bissau, país do oeste do continente africano caracterizado pela diversidade cultural, étnica, religiosa e linguística, sendo um país multilíngue. É uma língua crioula lexificada pelo português, com mais itens lexicais do português e menos léxico de línguas africanas e autoctones (Couto; Embaló, 2010). O guineense é a língua da comunicação interétnica em diferentes locais, ou seja, é a língua da unidade nacional, sendo usada para a comunicação do dia a dia, e é a língua da convivência e das manifestações culturais do povo guineense.

Juntamente com o guineense, língua franca, estão no território, o português, a língua oficial, e diferentes línguas africanas de diferentes grupos étnicos. Até momentos atuais, não há, entre os autores, consenso sobre o número de línguas africanas presentes na Guiné-Bissau (cf. Embaló, 2008; INE, 2009; Intumbo, 2012; Scantamburlo, 2013; Chapouto, 2014; Mané, 2022; entre outros).⁵

Nesse contato com o português, é possível observar a ocorrência de diversos fenômenos linguísticos em diferentes níveis de análise ocorrendo no guineense. Por exemplo, há autores que descreveram o guineense em relação a diferentes aspectos (Scantamburlo, 1981; Bull, 1989; Couto, 1994; Scantamburlo, 2002; Embaló, 2008; INE, 2009; Couto; Embaló, 2010; Intumbo, 2012; Chapouto, 2014; Costa, 2014; Mané; Imbatene; Correia; Bandeira; Freitas, 2021; Baldé, 2021; Cá; Timbane, 2021; Silom, 2022; Mané, 2022; Santos; Freitas; Balduino; Bandeira, 2022; Imbatene, 2024; Cabi, 2023; 2025; entre outros). Entretanto, esses estudos não abordam a descrição apresentada neste trabalho no que se refere aos empréstimos linguísticos modernos observados na fala de entrevistados da região de Bissau, capital da Guiné-Bissau, e na variação linguística do guineense.

Como é sabido, as línguas são sistemas que passam por processos de variação e mudança, de acordo com o tempo, o espaço e as características dos falantes (cf. Labov, 2008;

³ Este estudo teve início em 2024, a partir de uma pesquisa da Iniciação Científica, finalizada em 2025 sob orientação da Profa. Dra. Shirley Freitas Sousa e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), com o número do processo de pedido de bolsa N° 4838/2024.

⁴ Apesar deste termo não ser comum na Guiné-Bissau e entre os falantes do guineense, optamos por utilizar esta denominação durante a pesquisa. Não usaremos o termo “Kriol” ou “Kiriol” (crioulo), pois é um item lexical genérico, usado linguisticamente para denominar as línguas que surgiram a partir dos contatos linguísticos entre línguas do prestígio e de substrato (Mané, 2022).

⁵ Já existem pesquisas que discutem as características do português guineense (Cá; Timbane, 2021; Freitas; Bandeira, 2021; Cabi; Timbane, 2022; Braga, 2023; Braga, Frota; Fernandes-Svartman, 2023).

Camacho, 2011). No contexto de línguas crioulas, em que há contribuição das línguas de substrato e de superstrato, é possível destacar as variedades tradicional e moderna (cf. Couto; Embaló, 2010).

Dessa forma, este trabalho aborda o fenômeno dos empréstimos linguísticos tomados do português e da variação linguística, e busca responder à seguinte questão: como, nesse contexto de contato linguístico, os itens lexicais da língua portuguesa aparecem no guineense moderno? Para responder essa questão central, busca-se compreender: como as palavras se acomodam?

O presente artigo tem como objetivo geral descrever e analisar como o léxico do guineense moderno tem se relacionado com o léxico da língua portuguesa, no contexto da capital, Bissau, a partir de entrevistas realizadas ao longo dos anos 2020 e 2024 pela Rádio Jovem. Precisamente, o trabalho busca identificar, descrever e analisar os itens lexicais e expressões em português que foram incorporados ao léxico do guineense atual. Entre os objetivos específicos destacam-se: extrair os dados coletados para análise e compreensão da acomodação dos itens lexicais do português no guineense; investigar as razões pelas quais determinadas palavras do português foram adotadas no guineense, levando em conta fatores históricos e sociais; e abordar o impacto do empréstimo lexical do português no guineense, baseando-se nos aspectos linguísticos, sociais e culturais.

Este trabalho é um estudo preliminar e caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, que parte de levantamento e análise de material bibliográfico relevante para a temática apresentada. Foi constituído um corpus a partir de um conjunto de cinco entrevistas, realizadas entre 2020 e 2024 pela Rádio Jovem e cedidas pela instituição radiofônica. Após a constituição do corpus, foi realizado um estudo comparativo com dados retirados do dicionário de Scantambulo (2002) e posterior descrição e análise de aspectos fonéticos, fonológicos e semânticos.

A pesquisa, ao contribuir para os estudos sobre empréstimos e variação lexical no guineense, apresenta, de modo específico, relevância e impacto para a compreensão da língua, ainda pouco descrita e estudada; e, de modo mais amplo, contribui para os estudos sobre línguas crioulas e línguas em contato de modo geral. Ademais, este trabalho configura-se como um material científico para embasamento de novas produções acadêmicas e que poderá trazer contribuição para a sociedade guineense.

O artigo está organizado como segue: no “Referencial Teórico”, são apresentados autores relevantes para a temática da pesquisa; na seção “Metodologia”, são apresentados os instrumentos e procedimentos de coleta de dados e de análise; na seção “Análises e resultados”

é apresentada a descrição e a análise dos dados estudados. Por fim, temos as considerações finais do estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, são apresentadas algumas referências que fundamentam este trabalho. Inicialmente, aborda-se, brevemente, o guineense; em seguida, o conceito de variação linguística e, por fim, o conceito de empréstimo linguístico.

2.1 BREVE APRESENTAÇÃO DO GUINEENSE

O guineense é uma língua crioula, cuja língua lexificadora é o português, com mais léxico do étimo português, e menos léxico do étimo das línguas autóctones (Couto; Embaló, 2010). O guineense é falado por toda a extensão da Guiné-Bissau, país do oeste africano, com uma área territorial de 36.125 km², que faz fronteira, ao norte, com Senegal; ao leste e ao sul, com Guiné-Conacri; e a oeste, com as margens do oceano Atlântico (cf. INE, 2009). O país, com população de cerca de 2.201.352 (cf. World Bank, 2024), é caracterizado por sua diversidade étnica, cultural, religiosa e linguística (cf. Embaló, 2008; Mané, 2022). Abaixo, ilustramos o mapa da Guiné-Bissau.

Figura 1 - Mapa da Guiné-Bissau



Fonte: <https://s2.static.brasilecola.uol.com.br/be/2024/05/guine-bissau-mapa.jpg>

Na Guiné-Bissau, a língua oficial é o português, e o guineense é a língua franca, ou veicular, usada no dia a dia, caracterizando-se como a língua da comunicação interétnica em diferentes locais. É a língua da unidade nacional, falada por cerca de 75% a 80% da população guineense (Embaló, 2008; Couto; Embaló, 2010), apesar de o INE (2009) afirmar que 90,4% da população é falante de guineense.

No território guineense, há também diferentes línguas africanas de diferentes grupos étnicos, como: Fula, Balanta, Manjaco, Mandinga, Papel ou Pepel, Beafada, Felupe (Diola), Balanta mane, Bijagós, Saracole, Sosso, Mancanha, Mansonca e Nalu (Embaló, 2008; INE, 2009; Mané, 2022). Não existe consenso sobre os números das línguas existentes no país. Diferentes autores e pesquisadores apresentam números distintos em relação às línguas do país. Segundo os dados do INE (2009), o país contabiliza mais de quatorze etnias e seus respectivos “dialetos”. Por outro lado, Couto e Embaló (2010) apresentam cerca de vinte línguas. Scantamburlo (2013) aponta mais de vinte e cinco línguas, enquanto Intumbo (2012) faz referência a cerca de trinta línguas e seus dialetos. Para Chapouto (2014), o país possui mais de quinze línguas, além do português e do guineense. Portanto, o país necessita de um levantamento para saber quantas línguas existem no território guineense, e quais são as línguas que têm mais falantes e aquelas que estão em processo de extinção.

2.2 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

As línguas naturais podem ser caracterizadas por diferentes aspectos, entre eles a possibilidade de variação e mudança de acordo com o tempo, o espaço e os falantes. Pesquisas mais detalhadas sobre a relação entre contexto social e a língua mostram que vários processos linguísticos envolvem variação sistemática (cf. Bagno, 2007; Labov, 2008; Camacho, 2011; Cezário; Votre, 2025).

Antes de ocorrer uma mudança na língua, acontecem diferentes processos de variação. A variação linguística, conforme Coelho *et al.* (2015), pode acontecer por fatores linguísticos (fatores estruturais) em diferentes níveis de análise (fonologia, morfologia, léxico, sintaxe, semântica e pragmática); e por fatores extralinguísticos, como, por exemplo, sexo, idade, escolaridade, espaço, tempo, classe social, etnias, etc. (variação diatópica, diacrônica, diastrática e diafásica) (cf. Bagno, 2007; Labov, 2008; Cezário; Votre, 2025). De acordo com Coelho *et al.* (2015), a variação não é algo evitável, porque é natural e não depende exclusivamente da língua, mas de vários elementos linguísticos e extralinguísticos.

Segundo Coelho *et al.* (2015, p. 13), “a língua é um sistema organizado – tão organizado que seus falantes comunicam perfeitamente entre si, não importando se um mora no interior e outro na capital”. Nessa perspectiva, para que haja uma língua e para compreendê-la, é importante considerar os falantes, os territórios e as culturas. Mollica (2025) sustenta que todas as línguas demonstram uma heterogeneidade em que se constata diferentes formas de falar ou de denominar as coisas. Isto assegura que não há uma língua homogênea no mundo, mas sim existem variedades na língua (Labov, 2008). Dessa forma, é presumível compreender que a língua é um sistema que não pode se desconectar da variação e mudança linguística.

Em conformidade com Mollica (2025, p. 10), “a variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes”. Ainda, Coelho *et al.* (2015, p. 16) definem “a variação linguística como um processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”.

A mudança, por sua vez, pode ser vista como um fenômeno dependente da variação. Como apontam Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 126), “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança, mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”. Assim, existe uma evidência dos processos variacionais e das mudanças em termos da dinamicidade da língua. De acordo com Labov (2008), a abordagem da mudança linguística presume envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas, a difusão e propagação das mudanças linguísticas e a regularidade da mudança linguística. O modelo subjacente dos três problemas precisa ter como ponto de partida a variação em uma ou mais palavras na fala de uma ou mais pessoas (Labov, 2008).

Nesse sentido, sendo o guineense uma língua, é possível identificar que varia em diferentes níveis gramaticais por diferentes fatores, entre eles, a relação observada entre línguas em situação de contato linguístico. Pode-se reconhecer que há variação nos itens lexicais do guineense moderno. Um aspecto relacionado ao modo como a variação acontece pode ser observado a partir de dados do guineense tomados por empréstimo da língua portuguesa.

Couto e Embaló (2010) e Baldé (2021) apresentam uma visão de continuum para se referirem aos conjuntos de variedades do português, do guineense e até das línguas africanas. O continuum em questão seria formado da seguinte maneira: “português lusitano, português acrioulado, crioulo aportunuguesado, crioulo tradicional, crioulo nativizado e as línguas nativas” (Couto; Embaló, 2010; Baldé, 2021, p. 31). Os autores trazem uma colocação que apresenta diferentes fases e processos do guineense, também a categorização da própria língua em suas variedades.

Em conformidade com Baldé (2021), as variedades do guineense constatadas no continuum apresentam uma certa hierarquização, a variedade prestigiada e estigmatizada; ou seja, percebe-se uma certa estigmatização ou inferiorização do crioulo nativizado (crioulo basileto), caracterizando os seus falantes como “maus falantes do crioulo” por conta da presença detectável das línguas africanas. Enquanto isso, o crioulo tradicional é considerado o “puro” por não ter aglomerado muitos termos das outras línguas; e, por fim, o crioulo aportuguesado é aquele com maior prestígio, falado pelos brancos, pessoas escolarizadas e próximos deles, contendo muitos termos ou mesmas expressões de português.

Ademais, Baldé (2021) sustenta que a Guiné-Bissau é um país multilíngue e nesse contexto não é possível ignorar as relações estabelecidas entre as línguas presentes no país. O contato entre as diferentes línguas, que estão vivas nesse espaço, levam a necessidade de enxergar possíveis variações ou mudanças no guineense, assim como observar as características e causas de tais fenômenos.

2.3 EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS

Os empréstimos são processos que acontecem quando elementos linguísticos são tomados de uma língua para outra. Segundo Paradis e Label (1994 *apud* Bandeira, 2013, p. 53), trata-se de “uma palavra simples ou composta, ou uma sentença oriunda de L2 [segunda língua], incorporada ao discurso de L1 [primeira língua]”.

O empréstimo de palavra “[...] pode ser implementado por um falante bilíngue que preenche uma lacuna em uma das línguas que ele conhece, L1, a língua recipiente, ao tomar uma palavra de outra língua que ele conhece, L2, a língua doadora”, que pode ser conhecida parcialmente ou não conhecida (Calabrese; Wetzels, 2009 *apud* Bandeira, 2013, p. 57). Esse fenômeno é considerado pelos autores como “nativização através da produção”. Por outro lado, os empréstimos podem passar por acomodação quando o falante entende algumas palavras da língua de empréstimo “através da percepção” (Calabrese; Wetzels, 2009 *apud* Bandeira, 2013, p. 57).

Para Timbane (2012, p. 10), “entendemos por empréstimos, palavras que já foram estrangeirismos e que, ao longo do tempo, se solidificaram na língua e sofreram transformações a nível fonético ou ortográfico”. Segundo Borceda (2006), podem acontecer diferentes tipos de empréstimos: fonológico, fonético, semântico, lexical, entre outros.

Ainda, Borceda (2006) e Camacho (2011) sustentam que a língua passa por mudanças, porque não é fenômeno estático, mas sim se transforma em cada momento de acordo com a

sociedade, o período e a localização. A dinâmica de empréstimo lexical de uma língua para outra, pode ser influenciada pela necessidade dos usuários.

Indubitavelmente, o empréstimo é um fenômeno que não pode ser impedido na língua e pode acontecer de duas formas: consciente e inconsciente (cf. Valadares, 2014). A forma consciente é quando o falante usa as palavras emprestadas de forma seletiva e não natural. Às vezes, faz isso para vangloriar-se ou ostentar que o falante é escolarizado ou diferente na sociedade, independentemente das origens das palavras emprestadas. Na forma inconsciente, o empréstimo acontece de forma natural e por necessidade. De acordo com Labov (2008, p. 355), “mudanças linguísticas incipientes raramente atingem o nível do comentário social em seus estágios iniciais, e nem todas as mudanças se tornam foco da atenção consciente mesmo em seus estágios avançados”. Esta pesquisa mostra a possibilidade do empréstimo ou mudança acontecer de forma consciente ou inconsciente.

Paradis e Label (1994 *apud* Bandeira, 2013) explicam que, em termos fonológicos, cada item lexical que é emprestado numa língua não consegue constar na língua, diretamente, como saiu na sua língua de origem. Em geral, apresenta uma capacidade de processamento dessas palavras pelos falantes da língua receptora.

Segundo Bandeira (2013), os empréstimos que são constatados na fonologia passam por um processo de entrada e adaptação (acomodação) na língua que recebe o empréstimo. Em função disso, os próprios falantes sabem falar ou conhecem a língua da qual é emprestada a palavra, e essa questão pode ser vista em outros falantes que não sabem ou não conhecem a língua de onde é tomado o empréstimo, mas fazem empréstimos de palavras a partir de uma influência linguística.

A acomodação de uma palavra numa língua é aceita pelos próprios falantes com base nos padrões fonológicos dessa língua. “A nativização ou adaptação dos empréstimos de L2 em L1 são regidas por padrões fonológicos de L1, padrões impostos pelos falantes de L1” (Paradis; Label, 1994 *apud* Bandeira, 2013, p. 53).

De acordo com Kenstowicz (2001 *apud* Bandeira 2013, p. 55),

Os empréstimos linguísticos desenvolveram-se a partir de uma curiosidade de compreender os fenômenos presentes na língua com uma certa influência na outra. Assim sendo, esse mesmo autor [Kenstowicz?] disse que há três fatores que estabelecem o estudo da fonologia de empréstimo de itens lexicais: temos empréstimos de palavras que têm sido usados para testar a produtividade de regras e restrições fonológicas; quando empréstimos acontecem em uma escala massiva, a língua doadora pode partilhar aspectos de sua fonologia com o sistema nativo que necessitam de setores distintos do léxico com suas próprias mini fonologias; e padrões de adaptação têm sido descobertos para o que o sistema nativo não oferece orientação ou, mesmo, se contradiz profundamente, colocando um questionamento acerca da

capacidade de aprendizado semelhante aos processos naturais causados pela aquisição de língua primária de Stampe (Kenstowicz, 2001 *apud* Bandeira 2013, p. 55).

Bandeira (2013) discute como uma palavra se adapta às regras e restrições fonológicas da língua receptora. As línguas são diferentes, mas isso não impede que elas dialoguem e que haja empréstimos. Em consequência, pode-se discutir como as crianças diferenciam as palavras emprestadas das palavras nativas e, adicionalmente, saber as transformações sofridas pelos itens emprestados.

Shinohara (1997), Kenstowicz e Sohn (2001), Peperkamp e Dupoux (2001 *apud* Bandeira, 2013) consideram que é importante estudar diferentes tipos de empréstimos: os históricos e as adaptações online. Essa divisão de empréstimos vai definir como aconteceu o histórico das palavras emprestadas noutra língua, que já se acomodam na língua receptora a partir da reprodução dos falantes monolíngues, enquanto que adaptação online foi definida como palavras estrangeiras que são emprestadas “aqui e agora” (Bandeira, 2013, p. 58).

Bandeira (2013) discute dados do papiamentu e destaca a importância de se trazer o processo da colonização para apresentar vários elementos linguísticos e extralinguísticos na língua (adaptação histórica). Além disso, a autora aponta o papel dos fenômenos tecnológicos (redes sociais, plataformas digitais, aparelhos, canais televisivos, emissoras e outros) que influenciam de forma indireta os “empréstimos” de algumas palavras. Isso se dá quando, na nossa língua, não existe a denominação desse fenômeno ou do que o falante sente necessidade de comunicar. Assim, no contato com as novas tecnologias, os falantes são impulsionados, pela tecnologia, a fazer empréstimos da L2 para a L1, para colmatar uma lacuna na L1. A evolução da tecnologia, hoje em dia, permitiu às pessoas conhecerem as realidades de outras partes do mundo sem se deslocarem a esses lugares, as vivências, as línguas, as culturas, que estão sendo acompanhadas constantemente na internet. Tudo isso reflete, de uma forma indireta, na vida das pessoas (adaptação online).

Dessa forma, neste trabalho, será considerado o fenômeno do empréstimo linguístico no guineense a partir dos autores apresentados anteriormente e da discussão “nativização através da produção” e “através da percepção”.

3 METODOLOGIA

Nesta seção, há uma breve apresentação dos procedimentos e instrumentos utilizados nesta pesquisa, bem como são colocadas informações sobre os entrevistados. Este trabalho é

uma pesquisa descritiva, que parte de levantamento, estudo e análise de material bibliográfico relevante para a temática em estudo.

Foi constituído um *corpus* a partir de um conjunto de entrevistas, realizadas pela Rádio Jovem entre 2020 e 2024, e concedidas pela mesma instituição radiofônica. A rádio disponibilizou dez entrevistas, entre elas, cinco realizadas com pessoas do sexo feminino e cinco do sexo masculino. As entrevistas têm duração mínima de vinte minutos e máxima de uma hora e três minutos. Desse conjunto de dez entrevistas, foram selecionadas cinco, duas com mulheres e três com homens. Os entrevistados são residentes de Bissau, de diferentes idades (25 a 60 anos) e diferentes níveis de escolaridade (ensino médio a ensino superior). Esses entrevistados são falantes do guineense, de algumas línguas africanas (guineenses) como primeira língua, e do português como segunda língua. Ademais, são falantes de línguas estrangeiras (francês e inglês).

As cinco entrevistas selecionadas foram transcritas no aplicativo de transcrição denominado ELAN (versão 6.8). Após a fase de transcrição, foi utilizado o Excel para organizar os itens lexicais compreendidos como empréstimos da língua portuguesa. Em seguida, foi feita a descrição dos dados em relação a aspectos lexicais, fonético-fonológicos e semânticos a partir de uma comparação com dados retirados do dicionário do Scantamburlo (2002). Para a realização da transcrição fonética dos itens lexicais das entrevistas, utilizamos a tabela do “Alfabeto Fonético Internacional” (revisado até 2019) e quanto aos dados do dicionário do guineense (2002), referenciamos as transcrições das autoras Chapouto (2014) e Costa (2014).

No dicionário do guineense, não há transcrição fonética das palavras, porém foi um material importante porque traz um inventário das palavras do guineense, o que auxiliou na compreensão dos processos de empréstimo e acomodação. Além disso, o dicionário de Scantamburlo (2002) foi uma fonte importante, no entanto é necessário destacar que, para alguns dados acomodados, não há plena concordância com a grafia apresentada pelo autor.

Os dados retirados das entrevistas estão no Quadro 1 e os dados retirados do dicionário estão no Quadro 2.

Quadro 1 – Amostra das palavras e expressões coletadas nas entrevistas

Transcrição dos dados das entrevistas	Glosa
[ɔka'ziõjs]	ocasiões
[awtɔri'zasãw]	autorização
[di'mensõjs]	dimensões
[pa'jãw]	paixão
[segu'rãsɐ]	segurança
[kɔ'midɐ]	comida
[fe'ridɐ]	ferida
[feli'sitɐ]	felicitar
['priwdɔ]	período
[res'trito]	restrito
[atendi'mentɔ]	atendimento
[i'zato]	exato
[baʃ'tanti]	bastante
[bri'ʎãtu]	brilhante
[vensi'dɔris]	vencedores
[re'ʒimi]	regime
[ĩ'prêses]	imprensas
[kɔĩ'sidɪ]	coincide
[prɔ'sigi]	prossegue
[ĩ'foj]	fui
['foj]	foi
[kõʃ'trui]	construiu
[timi'dɛʃ]	timidez
[ivi'dêti]	evidente
[ɔs'têtɐ]	ostenta
[ĩ'tijɐ]	tinha
['tijɐ]	tinha
['mãj]	mãe
['pajs]	pais
['dwas]	duas
[ab'dikɐ]	abdica
['tevi]	teve

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 2 – Amostra das palavras coletadas no dicionário de Scantamburlo (2002)

Léxico do dicionário	Transcrição⁶	Glosa
okazion	[ɔka'ziðŋ]	ocasião
otrizason	[ɔtri'zasõŋ]	autorização
dimenson	[di'mensõŋ]	dimensão
paichon	[paj'jõŋ]	paixão
suguransa/siguransa	[sugu'ransa]/[sigu'ransa]	segurança
kumida	[ku'mida]	comida
firida	[fi'rida]	ferida
filisita	[fili'sita]	felicita
piriudu	[pi'riudu]	período
ristritu	[ris'tritu]	restrito
atindimentu	[atindi'mentu]	atendimento
izatu	[i'zatu]	exato
bastanti	[bas'tanti]	bastante
brilianti	[bri'liãti]	brilhante
vensiduris	[vensi'duris]	vencedores
rijimi	[ri'ʒimi]	regime

Fonte: Elaborado pelo autor.

O dicionário de Scantamburlo (2002) não apresenta transcrição fonética, mas é possível perceber a tentativa de registrar a grafia das palavras buscando uma aproximação com a fala. No Quadro 2, é apresentada uma proposta de transcrição fonética. Nesse dicionário do guineense (2002), verificam-se as palavras encontradas nas entrevistas e elas estão registradas de formas semelhantes àquela da língua lexificadora, apesar de algumas acomodadas, mas pode-se compreender que nem todas as correspondem. Por exemplo, no dicionário há a palavra “gabinete”, que o autor grafa com o “-e” /e/ no final, como ocorre na grafia da língua portuguesa. Embora ele escreva assim, a realização fonética no guineense, possivelmente, seria diferente do português. Desse modo, é pertinente dizer que para alguns casos, é possível questionar a grafia adotada por Scantamburlo (2002).

⁶ O dicionário de Scantamburlo (2002) não apresenta transcrição fonética, por isso, este trabalho assume a transcrição de Chapouto (2014) e Costa (2014) para os sons de vogais nasais em posição de sílabas finais. É importante ressaltar que na transcrição de Chapouto (2014) foi constatada duas possibilidades dos sons nasais finais, como, vogal média-alta posterior nasalizada [õ] ou vogal média-alta posterior mais a consoante nasal velar [oŋ]. Portanto, esta discussão pode ser desenvolvida nas futuras pesquisas.

4 ANÁLISES E RESULTADOS

Nesta seção, são apresentadas uma descrição e uma proposta preliminar de análise para os dados coletados na pesquisa. Como exposto anteriormente, este trabalho, toma como foco os empréstimos da língua portuguesa dentro do guineense falado na atualidade. São destacados os empréstimos encontrados e sua relação com variação linguística e situação de contato linguístico.

4.1 DADOS RETIRADOS DAS ENTREVISTAS QUE NÃO CONSTAM EM SCANTAMBURLO (2002)

Nesta subseção, a partir dos dados coletados das entrevistas, são analisados os itens lexicais ou expressões não localizadas no dicionário de Scantamburlo (2002), onde não aconteceram os processos de acomodação de natureza lexical, fonética-fonológica ou onde houve acomodação de forma parcial. Como procedimento de análise, será feita uma comparação com itens lexicais retirados do dicionário de Scantamburlo (2002) com o objetivo de verificar a (re)inserção dos novos itens lexicais do guineense.

4.1.1 Os itens lexicais das entrevistas

Abaixo, são apresentadas as palavras das entrevistas que não se acomodaram ao guineense ou se acomodaram parcialmente. Em seguida, é apresentada uma comparação com as palavras dicionarizadas por Scantamburlo (2002) para estabelecer uma relação entre as variedades moderna e tradicional. Nas entrevistas foram encontradas as palavras ou expressões:

Quadro 3 – Amostra de palavras

Item	Entrevista/Transcrição	Glosa
a)	imprensas [ĩ'prêšəs]	imprensas
b)	coincide [kɔĩ'sidi]	coincide
c)	prosigui [prɔ'sigi]	prosseguir
d)	N'foi [ĩ'foj]	fui
e)	foi ['foj]	foi
f)	construi [kõj'ʔruĩ]	construiu
g)	timidez [timi'deʃ]	timidez
h)	ividenti [ivi'dêti]	evidente
i)	ostenta [os'têtə]	ostenta
j)	N'tinha [ĩ'tinjə]	tinha
k)	tinha ['tinjə]	tinha
l)	mãe ['māj]	mãe
m)	pais ['pajs]	pais
n)	duas ['dwas]	duas
o)	abdica [ab'dikə]	abdica
p)	teve ['tevi]	teve

Fonte: Elaborado pelo autor

Considerando aspectos fonético-fonológicos, as palavras da entrevista listadas no Quadro 3 não apresentam acomodação às regras linguísticas do guineense, ou apresentam acomodação parcial. As palavras das alíneas a), b), f), g), h), i) e o) não apresentam nenhuma proximidade em termos lexicais, fonológico e fonético com os dados tomados para comparação a partir do dicionário. Há, entretanto, uma proximidade semântica. A palavra “imprensas” /imprensas/ [ĩ'prêšəs] (imprensas), por exemplo, não aparece dicionarizada por Scantamburlo (2002), todavia, há, no dicionário, a palavra “radius” /radius/ [ra'dius] (rádios). É possível identificar relações semânticas entre essas palavras e, em algumas situações, verifica-se relação de sinonímia entre esses itens lexicais. O mesmo pode ser observado para a palavra “coincide”, que na entrevista tem o significado de “coincide”; no dicionário, a palavra tem significado aproximado a “kontra” que significa “encontrar/coincidir”.

Nas palavras das alíneas c) e h), acontece o processo de alçamento vocálico. Por exemplo, na alínea c), temos a palavra “prosigui” /prosigui/ [prɔ'sigi] (prosseguir), não dicionarizada por Scantamburlo (2002), na qual a vogal média-alta anterior pretônica foi elevada a vogal alta anterior (Cf. Viegas, 1995). Na alínea h), o alçamento aconteceu da vogal

média-alta anterior, precedente à sílaba pretônica, em que foi alçada pela vogal alta anterior; no caso, “Ividenti” /ividenti/ [ivi'dêti] (evidente). Portanto, é possível acontecer esse processo de alçamento tendo em conta a presença da vogal alta cedente. Essas palavras quando são tomadas do empréstimo no português, no caso, “prosigui” traz o significado que seria equivalente a “sigui”. A palavra “ividenti” traz o significado do “claro”, próximo ao significado da palavra dicionarizada “klaru”.

Nas alíneas d) e j), acontece a inserção de um fone nasal “N-” no início do léxico; as duas palavras apresentam o mesmo fone no início dos itens lexicais, o que significa que, fonologicamente, as palavras estão se acomodando parcialmente, por exemplo, “n’foi” /nfoi/ [ĩ'foj] (fui) e “n’tinha” /ntinha/ [ĩ'tijɐ] (tinha). Quanto à inserção do fone nasal, pode ser compreendido como a influência das características linguísticas do próprio guineense ou das línguas africanas. Sendo assim, pode-se assegurar que essas palavras estão se acomodando parcialmente conforme as regras do guineense. Além disso, nas mesmas alíneas d) e j), as palavras estão se acomodando progressivamente e apresentaram algumas características morfológicas do guineense. No caso, a inserção do morfema “N-”. Trata-se das palavras “N'foi” [ĩ'foj] (fui), e “N'tinha” [ĩ'tijɐ] (tinha). Estas palavras, logo na primeira sílaba apresentam o morfema “N-” do guineense, que define a primeira pessoa do singular. “N’foi”, na entrevista significa “fui”, que equivaleria à “n’sedu” (fui) no dicionário do guineense. “N’tinha”, na entrevista significa “eu tinha”; no dicionário a expressão com esse significado seria “n’tene ba”.

Os itens lexicais nas alíneas c), d), e), j), k), l), m), n), e p), já tinham se integrado no guineense. As entrevistas trazem exemplos de nova integração dessas palavras/expressões, sendo utilizadas pelas pessoas mais escolarizadas, por exemplo. Como observado, ao saírem da língua lexificadora, não se acomodaram completamente, mas apresentam certa proximidade lexical, fonológica e fonética com o guineense.

Quadro 4 – Comparação entre as palavras/expressões coletadas nas entrevistas e no dicionário de Scantamburlo (2002)

Item	Entrevista/Transcrição	Dicionário/Transcrição	Glosa
a)	imprensas [ĩ'prẽsɐs]	radius [ra'dius]	imprensas
b)	coincide [kõĩ'sidi]	kontra ['kõtra]	coincide
c)	prosigui [prɔ'sigi]	sigui ['sigi]	prosseguir
d)	n'foi [ĩ'foj]	n'sedu [n'sedu]	fui
e)	foi ['foj]	i sedu [i'sedu]	foi
f)	construi [kõj' trui]	kumpu ['kumpu]	construiu
g)	timidez [timi'dɛj]	mansu ['mãsu]	timidez
h)	ividenti [ivi'dɛti]	klaru ['klaru]	evidente
i)	ostenta [os'tɛtɐ]	ronka ['rõka]	ostenta
j)	n'tinha [ĩ'tɪɲɐ]	n'tem ba [n'tem ba]	tinha
k)	tinha ['tɪɲɐ]	i tem ba [i 'tem ba]	tinha
l)	mãe ['mãj]	mame [ma'me]	mãe
m)	país ['pajs]	papes [pa'pes]	país
n)	duas ['dwas]	dus ['dus]	duas
o)	abdica [ab'dikɐ]	dicha ['difɐ]	abdica
p)	teve ['tevi]	i tene ba [i te'ne ba]	teve

Fonte: Elaborado pelo autor.

Essa comparação possibilitou verificar uma distinção entre as variedades moderna e tradicional. Segundo Couto e Embaló (2010), o guineense apresenta mais léxico de base portuguesa. Ademais, Couto e Embaló (2010, p. 35) afirmam que “o crioulo aportuguesado [variedade moderna] contém muitos empréstimos lexicais do português e, às vezes, até expressões inteiras nessa língua. [...] às vezes, nem a tradução é necessária, uma vez que qualquer falante de português pode entendê-lo”. Dessa forma, as palavras em análise, emprestadas do português para o guineense, seriam exemplos da variedade moderna. Com vista às análises feitas, pode-se entender que a percepção lexical, fonológica e fonética dessas palavras/expressões não acomodadas, ou parcialmente acomodadas, está mais relacionada às características do português do que do guineense.

Considerando aspectos extralinguísticos para compreender e explicar os dados, é importante destacar que todas as pessoas que foram entrevistadas são escolarizadas (ensino médio a ensino superior), da zona urbana (capital), de uma certa faixa etária (entre vinte e cinco a sessenta anos), e de nível socioeconômico médio ou alto. Então, tudo isso, pode contribuir na

relação dos falantes com a língua portuguesa, pois a acessibilidade da língua portuguesa é mais fantasiosa em relação às pessoas de zonas não urbanas. Nesse sentido, é possível compreender essas palavras como léxico da variedade prestigiada.

4.2 DADOS RETIRADOS DAS ENTREVISTAS QUE CONSTAM EM SCANTAMBURLO (2002)

Nesta subseção, a partir dos dados coletados das entrevistas, são analisados os itens lexicais ou expressões localizadas no dicionário de Scantamburlo (2002), onde são verificados processos de acomodação de natureza lexical, fonética-fonológica ou onde houve acomodação de forma parcial. Como procedimento de análise, será feita uma comparação com itens lexicais retirados do dicionário de Scantamburlo (2002).

4.2.1 Os ditongos nasais

Nas entrevistas analisadas foram encontradas palavras com os ditongos nasais na última sílaba, que é a tônica: “-ão” [ãw] e “-ões” [õjs], por exemplo, os itens lexicais “paxão” e “contribuições”. Em Scantamburlo (2002), as mesmas palavras estão dicionarizadas na última sílaba com a grafia “-on” [õŋ] no singular, e se for no plural, é acrescentado o som de [s], tendo “ons” [õŋs], seguindo as transcrições das autoras (Cf. Chapouto, 2014; Costa, 2014). Segundo Scantamburlo (1981, p. 27), “no CP [Crioulo Português] da Guiné-Bissau, as vogais nasais do português são frequentemente realizadas como uma sequência de vogal oral + consoante nasal [...]”⁷. Portanto, essa nasalização é o que podemos constatar na transcrição das vogais nasais finais da segunda tabela.

Para compreender o registro presente no dicionário, é relevante dizer que os itens lexicais do português passaram por processos de adaptação às regras do guineense, no caso dos ditongos nasais, de forma que, quando as palavras com a última sílaba tônica em -ão, -õe; -ãos, -ões saem do português, o ditongo é reconfigurado fonologicamente e foneticamente por uma produção que acontece do ditongo nasal para uma vogal média-alta posterior nasalizada e consoante nasal velar [õŋ].

Portanto, apesar do Scantamburlo (2002) partir de uma grafia proposta, os empréstimos tomados pelo guineense percorrem vários processos para sua inserção e acomodação na língua.

⁷ Neste trabalho, a representação com aspas “-xx” é utilizada para fazer referência à grafia.

A inserção da palavra na língua receptora (L1) acontece quando ocorre o empréstimo da língua doadora (L2)⁸, e, enquanto isso, a acomodação das palavras tomadas por empréstimo pode acontecer por nativização ou adaptação da palavra de L2 para as regras de L1 (cf. Paradis; Label, 1994 *apud* Bandeira, 2013).⁹

Também, é pertinente frisar que a palavra “paixão”, que apresenta ter acomodado, sofreu uma monotongação de um som na sílaba pretônica. Segundo Cabi (2025), a monotongação é um processo fonológico que acontece nas línguas naturais a partir do apagamento da glide (semivogal) da sílaba em questão. Ainda, na percepção de Bisol (1994), os ditongos decrescentes que são monotongados podem ser percebidos como falsos. Por isso, no que concerne à palavra “paixão”, na entrevista, houve uma monotongação de um ditongo decrescente [aj], a qual a palavra foi registrada por “paxão” [pa'jãu]. Dessa maneira, com base nos dados e nos autores anteriormente citados, pode-se compreender que esse processo de monotongação está presente entre as duas línguas, o guineense e o português. Além disso, nesses dados veem-se as características de variação fonológica e fonética, de acordo com a organização dos sons até na realização fonética das sílabas tônicas nasalizadas.

4.2.2 Palavras terminadas em “-a”, em “-e” e “-o”

De acordo com as entrevistas transcritas, as palavras terminadas em “-a” [ɐ], foram encontradas no dicionário grafadas com a letra “a” [a], no caso, na entrevista, temos a palavra “ferida” [fe'ridɐ] e no dicionário do Scantamburlo (2002), destaca-se “firida”, com transcrição proposta aqui como [fi'rida]. Conforme a transcrição de Chapouto (2014) e Costa (2014), a vogal grafada como “-a” no final da palavra no guineense, apresenta diferença quanto à vogal que ocorre no português, como é notar nos dados desta pesquisa, no português, ocorre o [ɐ] (vogal central, bastante aberta e não arredondada) e no guineense a vogal aberta anterior [a]. Novas análises, a partir da perspectiva da fonética acústica, poderão trazer maiores contribuições e aprofundamento para a análise dos dados aqui estudados.

Da mesma maneira, nas mesmas entrevistas, foi visto o “-e” no final de palavra, que aparece realizado como [ɪ], por exemplo, a palavra “Brilhante” [bri'ʔãti]. No que se refere à realização fonética, no português seria o [ɪ] (vogal bastante fechada, bastante anterior e não

⁸ L1 significa a primeira língua ou língua materna do falante, e L2 significa a segunda língua adquirida pelo falante.

⁹ Por exemplo, há palavras como “batalhão” (em português), que no dicionário guineense acomodou-se como “batalhon” ou “batalion”. Esse exemplo não aparece nas entrevistas, mas pode ilustrar o processo de acomodação do ditongo nasal.

arredondada), por exemplo “brilhante” [bri'ãti], e no guineense é realizada como vogal alta anterior [i], “brilhante” [bri'liãti] (Chapouto, 2014; Costa, 2014).

Conforme os trabalhos de Labov (1981; 1994 *apud* Viegas, 1995), o alçamento de vogais ‘raising’ seria uma forma ‘low-level’ (ajuste fonético) que podemos caracterizar como um processo de mudança regular que acontece na língua. Nos dados analisados no dicionário de Scantamburlo (2002), a partir de uma aproximação entre escrita e a transcrição aqui proposta, foi observado o processo de acomodação para os padrões do guineense, no qual houve o alçamento vocálico pretônico de “-e” [e] (vogal média-alta anterior) do léxico das entrevistas para o “-i” [i] (vogal alta anterior) do dicionário guineense, e de “-o” [o] (vogal média-alta posterior) de palavras das entrevistas para o “-u” [u] (vogal alta posterior) do guineense. De forma mais ilustrativa, na entrevista, observamos a palavra “ferida” [fe'ridɐ] com abaixamento da vogal pretônica, porém no guineense, a palavra se acomodou com o alçamento vocálico pretônico, como “firida” [fi'rida]. Já no que tange à palavra “comida” [ko'midɐ], na entrevista, ouvimos abaixamento vocálico pretônico e no guineense acontece o alçamento vocálico, por exemplo, “comida” [ku'mida]. Desse modo, compactuando e enfatizando Bandeira (2013), pode-se compreender como a dinamicidade e heterogeneidade da língua se contemplam no processo de adaptação ou acomodação do item lexical de L2 para L1.¹⁰

Além disso, no que tange à palavra “segurança”, ela aparece na entrevista com [segu'rãsa], enquanto no dicionário se vê duas formas: “suguransa/siguransa” [sugu'rãsa]/[sigu'rãsa] (Scantamburlo, 2002). Dessa forma, acontece o alçamento vocálico da vogal precedida pela sílaba pretônica. Observa-se, então, a presença de duas vogais altas, como vogal alta anterior e vogal alta posterior. Ademais, essas duas formas de realização da palavra, acontece a variação fonética.

Segundo Baldé (2021), na situação de adaptação de empréstimos de português para o guineense, vê-se a predominância de alçamento das semivogais, como a vogal [e] para vogal [i], e [o] para [u]. É comum constatar o processo de elevação vocálica a partir das vogais mencionadas anteriormente por Baldé (2021) e na posição de sílaba tônica. Nesta pesquisa, foi observado o alçamento de vogais nas sílabas pretônicas.¹¹

Portanto, a partir da análise dos dados retirados das entrevistas, foi possível notar que as palavras emprestadas do português passam por alçamento vocálico da vogal pretônica no

¹⁰ Para Viaro (2011), é considerado alçamento vocálico quando uma vogal com um certo nível de abertura passa a ser fechada.

¹¹ A análise que fizemos na pesquisa é distinta em relação à de Baldé (2021). O autor faz uma análise do alçamento com base na sílaba tônica, e a nossa pesquisa, de acordo com os dados, demonstra o processo de alçamento de vogais médias-altas pretônicas do português para o guineense, por exemplo: vogais [e] para [i] e [o] para [u].

guineense. As vogais média-altas transformam-se nas vogais altas dentro da língua receptora. Para Viaro (2011), é considerado alçamento vocálico quando uma vogal com um certo nível de abertura passa a ser fechada.

Nas palavras coletadas nas entrevistas com “-o” em sílaba átona final, observa-se a realização [ʊ] (vogal bastante posterior, bastante arredondada para trás) no português, por exemplo, “exato” [i'zatu]. No dicionário de Scantamburlo (2002), são vistas algumas palavras presentes nas entrevistas, e elas estão registradas de forma acomodada, seguindo as regras da língua. Por exemplo, a palavra aparece dicionarizada com “-u” [u], “izatu” [i'zatu] (Cf. Chapouto, 2014; Costa, 2014). Dessa forma, ao comparar com o dicionário, é possível constatar que, dentro da entrevista, a palavra apresenta uma variação entre as duas variedades, que são moderna e tradicional.

Ainda, no corpus dos dados, analisamos a palavra “período”, que na entrevista apresenta a queda do núcleo de primeira sílaba simples e se reestruturou como uma sílaba complexa “príodo” [ˈpriwdu]. Apesar de que, no dicionário do guineense consultado, não foi constatada a supressão da vogal média-alta anterior. Também, no guineense, em algumas variedades, como, tradicional, não é comum a criação de sílabas complexas.

A partir da descrição e da análise, os dados demonstram a distinção das duas variedades do guineense (moderna e tradicional), por meio dos aspectos fonológicos e fonéticos. Na variedade moderna (dados das entrevistas), as palavras mostram uma enorme aproximação lexical com o português, enquanto, na variedade tradicional (palavras dicionarizadas), as palavras estão acomodadas de acordo com as características do guineense. A diversidade vista entre as duas variedades é a realização das sílabas finais, a reconfiguração das sílabas finais e o alçamento vocálico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho abordou processos fonético-fonológicos e o fenômeno da variação linguística no nível lexical do guineense falado atualmente em Bissau, a partir do estudo de empréstimos lexicais do português. Para tanto, foram realizadas uma descrição e uma proposta preliminar de análise de itens lexicais e expressões em português que foram incorporados ao léxico do guineense, a partir de uma comparação dos dados das entrevistas com dados do dicionário do guineense (Scantamburlo, 2002).

O estudo dos dados demonstrou que há duas variedades em destaque: Tradicional e da moderna. Nos dados analisados da variedade moderna (dados das entrevistas), os itens lexicais descritos foram inseridos na língua recentemente. Na variedade tradicional (dados do dicionário guineense), os dados constituídos da pesquisa se acomodam na língua e se adaptam de acordo com os padrões linguísticos do guineense.

As evidências dos resultados podem ser comprovadas por meio da ilustração de alguns exemplos que elucidam a variação linguística e os empréstimos no guineense. Os falantes da variedade moderna usam, por exemplo, mais expressões como N'foi (fui) em relação ao N'sedu (fui), usado mais no tradicional; N'tinha (tinha), em vez de N'tem ba (tinha), também com mais frequência no tradicional. Portanto, esses dados podem confirmar a existência do empréstimo e da variação do guineense nas variedades moderna e tradicional, bem como devem ser considerados aspectos extralinguísticos (por exemplo, nível de escolaridade), como fatores relacionados à variação observada.

Este estudo, embora apresente uma discussão preliminar, caracteriza-se como uma contribuição para a compreensão do guineense e para a ampliação das pesquisas nas áreas de línguas crioulas e línguas em situação de contato.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BALDÉ, Mamadu Baciro. **Adaptações fonético-fonológicas de empréstimos do português para o guineense**, 2021. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2021.

BANDEIRA, Manuele. **A adaptação de empréstimos recentes no papiamentu moderno**. 2013. 245f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BRAGA, G.; FROTA, S. M. C.; FERNANDES-SVARTMAN, F. Português guineense: O que a entoação das sentenças interrogativas mostra sobre essa variedade. **DELTA: Documentação E Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada**, 38(3), 2023. <https://doi.org/10.1590/1678-460x202258942>. Acesso em: 05 de maio de 2026.

BRAGA, Gabriela. **A prosódia do guineense (kriol) e do português falado na Guiné-Bissau: análise de tipos frásicos**. 2023. 232 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

BISOL, Leda. Ditongos derivados. **D.E.L.T.A.**, v. 10, n. especial, 1994, p. 123-140).
 BORCEDA, Mayra Fernanda. **A incorporação de empréstimos ingleses no português do Brasil: processos de adaptação ortográfica**. 2006. 107 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2006.

BULL, Benjamim Pinto. **O crioulo da Guiné-Bissau: filosofia e sabedoria**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa. Lisboa, 1989.

CÁ, Segunda; TIMBANE, Alexandre António. A variação léxico-semântica e o ensino do português guineense. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, v. 39, p. 129-152, 2021.

CABI, Lucas Augusto. **A variação léxico semântico do português guineense: o caso de Bissau**. 2023. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2023.

CABI, Lucas Augusto. **Processo de monotongação no guineense**. 2025. 116 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras. Porto Alegre, 2025.

CABI, Lucas Augusto; TIMBANE, Alexandre António. Estudos do léxico da variedade guineense do português a partir da obra de Odete Semedo: Lexicon studies of the Guinean variety of Portuguese based on the book of Odete Semedo. **NJINGA e SEPÉ: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras (ISSN: 2764-1244)**, v. 2, n. Especial II, p. 254-275, 2022.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Norma culta e variedades linguísticas**. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores, didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v. 11.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. **Sociolinguística**. In Mário Eduardo Martelotta (org.) Manual de linguística. 2. Ed., 12ª reimpressão. São: Contexto. p. 141-155, 2025.

CHAPOUTO, Sandra Marisa da Costa. **Contributo para a descrição de aspectos fonológicos e prosódicos do crioulo guineense**. 152f, 2014. Dissertação (mestrado) em Linguística: Investigação e Ensino, orientada pela Professora Doutora Maria Isabel Pires Pereira, apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2014.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N. de e MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

CORREIA, Lauci; BANDEIRA, Manuele; FREITAS, Shirley. Tabus linguísticos de decore no guineense. **ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS**, v. 67, p. 242-270. Salvador, 2021.

COSTA, Paula Mendes. **Descrição fonológica do Crioulo Guineense**. 2014. 233 f. Dissertação (mestrado)- Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Recife, 2014.

COUTO, Hildo Honório do. **O crioulo português da Guiné-Bissau**. Hamburg: Buske, 1994.

COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. **Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau: um país da CPLP**, Brasília, n. 20, Papia, 2010.

EMBALÓ, Filomena. O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e fator de identidade nacional. **Papia: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, v. 18, n. 1, p.101-107, 2008.

FREITAS, Shirley; BANDEIRA, Manuele. Aspectos fonológicos dos crioulos de base lexical portuguesa da Alta Guiné / Phonological aspects of the Upper Guinea Portuguese Creoles. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 29, p. 331-361, 2021.

IMBATENE, João Eusébio. **O sistema ideofônico da língua guineense**. F. 144. Dissertação (mestrado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). **Terceiro Recenseamento Geral da População e Habitação (RGPH)**. Bissau, n. 6. 2009.

INTUMBO, Incanha. Situação sociolinguística da Guiné-Bissau. Universidade de Coimbra. **PAPIA**. 1-7, 2012.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MANÉ, Baticã Braima. **Descrição e análise dos processos de formação de palavras por reduplicação no crioulo guineense (Guiné-Bissau)**. São Paulo, 2022.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. In. Maria Cecília Mollica; Maria Luiza Braga (orgs.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. 4. Ed., 8ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2025.

SANTOS, Natali da Anunciação; FREITAS, Shirley; BALDUINO, Amanda Macedo; BANDEIRA, Manuele. Processos fonológicos do guineense moderno. **SIGNOTICA (UFG)**, v. 33.73001, 2022.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Dicionário do guineense, volume II – Dicionário guineense-português**. Edições: FASPEBI. Lisboa, 2002.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Gramática e dicionário da língua criol da Guiné-Bissau (GCR)**. Bolanha, Editrice Missionária Italiana, 1981.

SCANTAMBURLO, Luigi. **O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: o ensino bilíngue português-crioulo guineense**. 2013. 371 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.

SILOM, Alfa dos Santos. **A heterogeneidade da língua crioula guineense contemporânea: fonologia e variação num contexto de contato etnolinguístico**. f. 143 il. 2022. Dissertação

(Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

TIMBANE, Alexandre António. Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique. Revista: **Via Litterae**. Anápolis. v. 4, n. 1. p. 5-24. jan./jun. 2012.

VALADARES, Flávio Biasutti. **Uso de estrangeirismos no português brasileiro: variação e mudança linguística**. 2014. 191 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

VIARO, Mário Eduardo. Etimologia. São Paulo: Contexto, 2011.

VIEGAS, Maria do Carmo. O alicamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, ano 4, v. 2, p. 101-122, 1995.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial. 2006.

WORLD BANK. **The World Bank in Guiné-Bissau**. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/guinea-bissau?view=chart> acesso em 23 abril de 2026.